



MESA DOS SENTIDOS & SENTIDOS DA MESA

VOLUME II

Carmen Soares
Anny Jackeline Torres Silveira
Bruno Laurioux

IMPRENSA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

SÉRIE DIAITA
SCRIPTA & REALIA
ISSN: 2183-6523

Destina-se esta coleção a publicar textos resultantes da investigação de membros da rede transnacional DIAITA: Património Alimentar da Lusofonia. As obras consistem em estudos aprofundados e, na maioria das vezes, de carácter interdisciplinar sobre uma temática fundamental para o desenhar de um património e identidade culturais comuns à população falante da língua portuguesa: a história e as culturas da alimentação. A pesquisa incide numa análise científica das fontes, sejam elas escritas, materiais ou iconográficas. Daí denominar-se a série DIAITA de *Scripta* - numa alusão tanto à tradução, ao estudo e à publicação de fontes (quer inéditas quer indisponíveis em português, caso dos textos clássicos, gregos e latinos, matriciais para o conhecimento do padrão alimentar mediterrânico), como a monografias. O subtítulo *Realia*, por seu lado, cobre publicações elaboradas na sequência de estudos sobre as “materialidades” que permitem conhecer a história e as culturas da alimentação.

Carmen Soares é Professora Catedrática da Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras). Tem desenvolvido a sua investigação, ensino e publicações nas áreas das Culturas, Literaturas e Línguas Clássicas, da História da Grécia Antiga e da História e Culturas da Alimentação, da Dietética e do Património Alimentar. Desempenha funções de Coordenadora Científica do Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos e de Diretora do doutoramento em “Patrimónios Alimentares: Culturas e Identidades”.

Anny Jackeline Torres Silveira é Professora Associada da Universidade Federal de Ouro Preto (Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Sociais) e professora dos Programas de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Ouro Preto e da Universidade Federal de Minas Gerais. Tem pesquisado e publicado temas relacionados com a História das Ciências da Saúde e a História das Doenças. É Coordenadora do Laboratório de Ensino, Pesquisa e Extensão do Departamento de História (UFOP).

Bruno Laurioux é Professor Catedrático de História Medieval e da Alimentação na Universidade de Tours e membro do Centre d'Études Supérieures de la Renaissance. Nos últimos quarenta anos, publicou e editou 20 livros e 110 artigos relacionados com a História da Alimentação, especialmente sobre receitas culinárias e escolhas gastronómicas. É Presidente do Conselho de Administração do Instituto Europeu de História e Culturas da Alimentação (IEHCA, Tours, França).

SÉRIE DIAITA: SCRIPTA & REALIA
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ESTRUTURAS EDITORIAIS

DIÁTA: SCRIPTA & REALIA
ESTUDOS MONOGRÁFICOS

ISSN: 2183-6523

**DIRETORA PRINCIPAL
MAIN EDITOR**

Carmen Soares
Universidade de Coimbra

**ASSISTENTE EDITORIAL
EDITORIAL ASSISTANT**

Guilherme Riquito Marques
Universidade de Coimbra

**COMISSÃO CIENTÍFICA
EDITORIAL BOARD**

Albano Figueiredo
Universidade de Coimbra, Portugal

Ana Cristina Araújo
Universidade de Coimbra, Portugal

Aurelio Pérez Jiménez
Universidad de Málaga, Espanha

Expiración Sanchez García
Consejo Superior de Investigaciones Científicas,
Espanha

Francisco Oliveira
Universidade de Coimbra, Portugal

Hermínia Vasconcelos Vilar
Universidade de Évora, Portugal

Irene Vaquinhas
Universidade de Coimbra, Portugal

Joice Lavandoski
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro,
Brasil

José Luís Brandão
Universidade de Coimbra, Portugal

José Manuel Sobral
Universidade de Lisboa, Portugal

José Ramos
Universidade de Lisboa, Portugal

Juliana Resende Bonomo
(Investigadora independente)

Marco Daniel Duarte
Museu do Santuário de Fátima, Portugal

María Ángeles Samper
Universitat de Barcelona, Espanha

Paulo Pereira
Universidade de Coimbra, Portugal

Reina Troca Pereira
Universidade da Beira Interior, Portugal

Virgínia Soares Pereira
Universidade do Minho, Portugal

Yolanda Flores
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

TODOS OS VOLUMES DESTA SÉRIE SÃO SUBMETIDOS A ARBITRAGEM CIENTÍFICA INDEPENDENTE.

MESA DOS SENTIDOS & SENTIDOS DA MESA

VOLUME II

**Carmen Soares
Anny Jackeline Torres Silveira
Bruno Laurioux**

**IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS**

SÉRIE DIAITA
SCRIPTA & REALIA

TÍTULO TITLE

MESA DOS SENTIDOS & SENTIDOS DA MESA – VOL. II

TABLE OF THE SENSES & SENSES OF THE TABLE – VOL. II

COORDS. EDS. COORDS. EDS.

Carmen Soares, Anny Jackeline Torres Silveira, Bruno Laurieux

EDITORES PUBLISHERS

Imprensa da Universidade de Coimbra

Coimbra University Press

www.uc.pt/imprensa_uc

Contacto Contact

imprensa@uc.pt

Vendas online Online Sales

<http://livrariadaimprensa.uc.pt>

Coordenação Editorial Editorial Coordination

Imprensa da Universidade de Coimbra

Capa - Desenho Cover - Picture

by Carmen Soares

Conceção Gráfica Graphics

Rodolfo Lopes, Nelson Ferreira

Infografia Infographics

Jorge Neves

Impressão e Acabamento Printed by

KDP

ISBN

978-989-26-2062-6

ISBN Digital

978-989-26-2060-2

DOI

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-2060-2>

CECH | CENTRO DE ESTUDOS
CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
CRUADO EM 1967

Unidade de I&D financiada por

FCT Fundação
para a Ciência
e a Tecnologia

PROJETO UIDB/00196/2020

 **REPÚBLICA
PORTUGUESA**

© abril 2021

Imprensa da Universidade de Coimbra

Classica Digitalia Vniversitatis Conimbragensis

<http://classicaldigitalia.uc.pt>

Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos

da Universidade de Coimbra

MIGALHAS DO BANQUETE HOMÉRICO^{1,2}

CRUMBS FROM THE HOMERIC BANQUET

ANA PAULA PINTO

Universidade Católica Portuguesa – Braga

Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais

Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos

appinto@braga.ucp.pt

RESUMO: A leitura dos Poemas Homéricos tende a provocar nos leitores a impressão de que a mundividência arcaica conceberia a vida humana como uma permanente itinerância entre dois palcos fundamentais, o das guerras e o dos festins. Atribuindo a cada uma destas esferas distintos pesos, dado o seu peculiar contexto narrativo, cada uma das obras enquadra nestes dois espaços simbólicos a ação dos seus heróis: enquanto a *Iliada* detalha como, em Tróia, joguetes do capricho dos deuses, e sobrevivendo com esforço às violentas investidas dos inimigos, os guerreiros buscam sobre “a terra alimentadora” alento na partilha de mantimentos, na *Odisseia*, depois de reconhecer a cartografia de Ítaca, Ulisses porá fim ao severo rol das suas tribulações, encerrando com brutal carnificina, no seu próprio palácio, o criminoso festim dos pretendentes de Penélope.

Neste texto propomo-nos sobrevoar a riqueza expressiva da temática alimentar na poesia homérica, a partir de múltiplos dos seus ângulos de perspetivação. Partindo da básica abordagem linguística, sem descurar aspetos de natureza histórica, sociológica, e religiosa, procuraremos focalizar na nossa análise com particular atenção a dimensão simbólica, que parece espelhar poeticamente não só a mundividência antiga, consciente, mas também o fluxo inconsciente e perene do imaginário humano sobre o tema.

Palavras-chave: Literatura Grega; Homero; *Iliada*; *Odisseia*; Formularidade; Alimentação; Imaginário; Memória.

ABSTRACT: Reading both the Homeric Poems tends to cause in the reader the impression that the archaic worldview conceived human life as the constant traveling between two main stages, namely the war and the feasts stages. By assigning to each of these spheres of action different weights, given the specificities of the corresponding narrative contexts, each book grounds in those two symbolic spaces their respective heroes' actions: while in the *Iliad*

¹ Estudo desenvolvido no âmbito do Projeto Estratégico do Centro de Estudos Filosóficos e Humanísticos (CEFH) UID/FIL/00683/2019, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT).

² A Autora discorda do AO90, mas aplicou essa grafia por ser essa a determinação do Conselho Editorial da IUC.

it is detailed how, in Troy, as toys possessed by capricious gods, barely surviving the violent onslaughts of their enemies, the warriors glean the nourishing land for liveliness in sharing food, in the *Odyssey*, after recognizing the cartography of Ithaca, Odysseus will put an end to the grim list of his pains, ending with brutal carnage the criminal feast of Penelope's suitors, in his own palace.

In this text we shall address the expressiveness of the food theme in Homeric poetry, from the multiplicity of angles the perspectivization therein offers. From a grounding linguistic approach, together with historical, sociological and religious aspects, we shall focus our analysis particularly on the symbolic dimension, which seems to poetically reflect both the archaic (conscious) worldview, but also the constant (inconscious) flow of human imagination on this topic.

Keywords: Greek Literature; Homer; *Iliad*; *Odyssey*; Formularity; Nourishment; Imagination; Memory.

1. OS POEMAS HOMÉRICOS: GUERRA E BANQUETE

A leitura dos Poemas Homéricos tende a provocar nos leitores a impressão, mais ou menos unânime, de que a mundividência arcaica conceberia a vida humana como uma permanente itinerância entre dois palcos fundamentais – o das guerras e o dos festins.

Apesar da aparente notação de que as duas realidades, incidindo em contraditórios enquadramentos semânticos, ora de dolorosa disforia, ora de venturosa euforia, são também mutuamente excludentes, a leitura atenta acaba afinal por testemunhar a sua profunda complementaridade. Atribuindo a cada uma destas esferas distintos pesos, dado o seu peculiar contexto narrativo, cada uma das duas obras homéricas enquadra pendularmente nestes dois espaços simbólicos contraditórios a motivação fundamental dos seus heróis. No contexto mais trágico da *Iliada*, nuclearmente centrado no mais grave conflito bélico de que a Antiguidade guardou memória, à mercê dos caprichos da sorte, e instrumentalizados pela leviandade dos deuses, sobre “a terra alimentadora”, fora ou dentro das muralhas de Tróia, os heróis, depondo as armas que os defendem das investidas inimigas, suspendem a grandeza irrepetível dos seus dramas e renovam a sua atormentada mortalidade, entregando-se aos preparativos das refeições. E enquanto a turba anónima se conforta com uma pequena porção de alimento, na partilha humilde do pão, da carne e do vinho, oferecidos também como primícias rituais aos deuses, antes de ingeridos, Agamémnon convoca à sua mesa³ os mais proeminentes dos chefes, dentre os quais se escolherão depois⁴ os que hão-de apresentar-se como embaixadores ao melhor dos Aqueus: neste ritual de

³ *Il.* 2. 402 sqq.; 7. 313; 9. 89.

⁴ *Il.* 9. 165.

convivialidade diplomática entre os melhores se reafirmará, pois, pelos requintes da oferta gastronómica, a rígida hierarquia heróica da soberania.

Já no enquadramento mais trivial da *Odisseia*, depois do cessar definitivo da violenta campanha militar, num longo périplo de errâncias, Ulisses franqueará como visitante os domínios de muitos hospedeiros, coagido, às vezes em situações de grave risco, a expor diante de estranhos⁵ a sua fragilidade (quase sempre traduzida pela mesma fome ordinária que desarma o comum dos mortais), e só porá fim ao severo rol de tribulações ao reconhecer com alívio a apetecida cartografia da soalheira Ítaca. Mas, aí, ajudado pelos deuses justiceiros, ser-lhe-á dado introduzir a violência da guerra no cenário de postíça tranquilidade, dentro do seu próprio palácio⁶, encerrando com uma brutal carnificina o escandaloso festim imposto pela jactância criminosa de mais de uma centena de intrusos, os pretendentes de Penélope, que se propunham, mesmo contra a resistência dos legítimos ocupantes, não só a delapidarem todos os bens do herói, mas também a varrerem da memória dos homens a sua reputação heróica e a apagarem sobre a terra a sua linhagem enlutada.

Essa oscilação temática entre a guerra e o banquete, que nos avassala hoje a partir de qualquer nível da leitura, ou mais ou menos superficial, estaria provavelmente presente, ainda que em grau diverso, em todas as fases de contacto com o quadro referencial da poesia homérica. Prova clara disso parece poder retirar-se até da ambivalência do testemunho do *Certamen Homeri et Hesiodi*, um exercício ficcional tardio, que colocava, a competirem pelo prémio da sublimidade épica, Homero e Hesíodo, os dois poetas a quem a Antiguidade atribuíra a extraordinária criação da teogonia grega. Sem pretendermos discutir a credibilidade da fonte literária, importa notar que também a narrativa do *Certamen* parece sintetizar equivalente interpretação: enquanto na primeira parte⁷ se seleciona como representativo um excerto de Homero a traduzir a convicção de que o mais excelso dos prazeres para o coração dos homens é precisamente aquele que os comensais, à mesa, retiram do canto do aedo e da generosa partilha do alimento, mais tarde⁸, a instâncias de Panedes, que dirige a competição, acabará

⁵ Quase todos seres fantásticos (os Ciclopes, os Lestrígones, os Lotófagos, Cila e Caríbdis, os Feaces), ou divinos (Calipso, Circe, Éolo e os Ventos, o Hades).

⁶ Essa visão diádica – entre cenário guerreiro e festivo – parece reproduzir-se specular e simbolicamente na narrativa dual da *Odisseia*: a primeira parte (cantos 1-12) centra-se no regresso do autor do cenário de guerra; a segunda (13-24) desenrola-se no palácio, em Ítaca, onde a violência criminosa dos pretendentes impõe à família do herói ausente o clima desordeiro de um festim ininterrupto; aí, os próprios espaços tendem a refletir este dualismo (as armas imóveis nas paredes contracenam objetivamente com as mesas articuladas portáteis, sempre cheias de iguarias).

⁷ *Certamen*, 84-93; cfr. testemunho próximo de *Od.* 9. 6-11.

⁸ *Certamen*, 191-204; cfr. *Il.* 13. 126-33 e 339-44.

por escolher-se como reflexo do melhor estro homérico um excerto de uma cena de batalha da *Iliada*.

2. O BANQUETE LEXICAL

A recorrência temática obsidiante do tema alimentar, nos Poemas Homéricos, assumido quase sempre com a variante da comensalidade comunitária⁹, comporta a nível linguístico uma proliferação de campos lexicais e formulares dignos de nota.

Um estudo das referências vocabulares associadas às notações de “comer” (*esthio, edo*) e “beber” (*pino*) evidencia de imediato um resultado óbvio: muito mais relevantes nos versos da *Odisseia*, onde segundo os especialistas estão referenciadas cerca de duas centenas de refeições¹⁰, as formas verbais não deixam de se repetir amplamente na *Iliada*. Em sintonia proporcional com a presença muito mais conspícua dos animais selvagens na *Iliada* (em particular na estrutura poética dos símiles)¹¹, também aí recorrem muito mais numerosas as formas verbais que conotam disforicamente a selvajaria alimentar (“devorar, destroçar, destruir, consumir” – *phthino, phthinytho*). A *Odisseia* adequa-as, no entanto, múltiplas vezes, não só às figuras monstruosas dos temíveis antropófagos com que Ulisses se debate (como Polifemo, os Lestrígonos, Cila e Caríbdis)¹² ou que assombram

⁹ Surgem como excepcionais as refeições solitárias, e sempre justificadas pela necessidade contextual de sublinhar a solidão intransitiva das personagens, por imposições circunstanciais, como o pastor, o lavrador ou o lenhador no monte (*Il.* 11. 86; *Od.* 13. 31 e 34), ou por uma natureza peculiarmente agreste e incapaz de criar vínculos sociais com iguais (como o Ciclope, *Od.* 9); até mesmo o caso flagrante do isolamento de Laertes, assumido como opção de orfandade lutuosa, ou desejo de desvinculação familiar, vem matizado com a notação da velha criada que lhe prepara as refeições (*Od.* 1. 191 sqq.).

¹⁰ Atienza 2007: 54.

¹¹ Porque extravasam os limites seguros da esfera doméstica, e da cartografia humana dos acampamentos onde decorrem transitoriamente as ações dos heróis, deslocados em missões bélicas, a presença dos animais selvagens tende a testemunhar-se sobretudo na estrutura poética dos símiles. Ornamentos poéticos recorrentes no reportório tradicional da épica, os símiles propõem-se desenvolver, em momentos de peculiar intensidade dramática, quadros que permitam ao poeta, por meio de estruturas comparativas de média ou grande amplitude, criar pausas descritivas que atenuem a violência da narração, e aquietem simultaneamente o imaginário do auditério, pelo seu colorido poético, e pela familiaridade dos elementos propostos, ora do quotidiano, ora da natureza. A par das cenas em que protagonizam, com grande expressividade dramática, os animais, sobretudo selvagens, a dizimar ou a encurralar em manobras de depredação vítimas acoçadas, recorrem também outras que descrevem com requintado colorido manifestações portentosas da natureza, tempestades, ventos uivantes, turbulências marítimas, avalanches, e prodígios equiparados. Muito mais frequentes na *Iliada*, os símiles também ocorrem, e com estruturas e temáticas semelhantes, na *Odisseia*.

¹² V. Polifemo, *Od.* 9; os Lestrígonos, *Od.* 10; Cila e Caríbdis, *Od.* 12.

de medo o imaginário dos homens (como Équeto)¹³, mas também expressivamente à rapacidade depredatória dos pretendentes, em nada ajustada aos cânones da sociabilidade aristocrática: embora o serviço de mesa seja prestado pelos seus próprios servos (que eles agregam desavergonhadamente ao hiperbólico número de usurpadores), os géneros alimentares são retirados das propriedades externas de Ulisses, donde diariamente os fidelíssimos porqueiro e boieiro, contristados, se veem forçados a trazer as melhores reses dos rebanhos que guardam. Também o pão, produzido pelas servas de Ulisses, que moem o grão dia e noite, e o vinho, retirado das viçosas vinhas das propriedades do continente, ocorrem como testemunho do clima imposto de violenta extorsão. Inconformados com esta devassa, Telémaco e a mãe, acompanhados de raros amigos, lamentam a violência depredatória com que a casa, representando numa sinédoque toda a herança familiar, é “devorada” sem respeito pelos pretendentes¹⁴ – que não trazem, como convivas, para o espaço sagrado da hospitalidade e da festa coletiva, como seria de esperar, o seu contributo, nem apresentam, no enquadramento da sua pretensão nupcial, os dons adequados à família da pretendida.

Também se multiplicam em ambos os poemas, e sobretudo na *Odisseia*, os termos associados a instrumentos do âmbito da culinária (mesas, pratos, talheres, taças) e a géneros gastronómicos (tipos de alimentos, sobretudo carnes¹⁵, geralmente assadas, pão e vinhos).

¹³ Équeto, rei do Epiro, que mutila os homens, e dá crus aos cães os pedaços truncados, *Od.* 18. 85-87, 116; 21. 308.

¹⁴ Cfr. *Od.* 1. 251-52; 2. 75-76, 123, 203; 3. 315; 4. 318; 15. 12; 16. 127; 19. 534. Aos pretendentes de Penélope, regularmente conotados com a notação semântica dos predadores selvagens, imputa-se a culpa de delapidarem/devorarem os bens, a casa, os rebanhos e os vinhos de Ulisses, um rei bom e justo, que a todos tratou bem como reinante, e cumpriu exemplarmente os seus deveres heróicos. A esta primeira culpa, narrativamente traduzida no enquadramento cénico do hiperbólico festim interminável, acrescem depois, como expansões, outras, traduzidas pelo maquinário de muitas perfídias e desordens (*kaka erga*): as violências e coações ao aedo e às servas, a tentativa de assassinato de Telémaco, os maus tratos aos mendigos e hóspedes, o clima de ameaça imposto às reservas da rainha.

¹⁵ As tipologias animais representadas na seleção gastronómica são as de gado ovino, caprino e suíno, e mais rara e solenemente bovino (os touros ou bois, tendencialmente mais musculados e rijos nos terrenos acidentados da Grécia, são sobretudo animais de trabalho), além das aves. Os peixes não parecem ser encarados ainda, no universo poético homérico, como verdadeiros recursos económicos, alimentares, ou profissionais, provavelmente pela sua interpretação como seres das profundidades (de lastro ctónico); nunca se usam, além disso, nos sacrifícios, ao contrário do que sucede ritualmente com as tipologias animais anteriormente citadas. Excecionalmente, ocorrem umas poucas alusões isoladas à pesca (*Il.* 16. 404-19; 24. 80; *Od.* 10. 124; 12. 251-55) e à caça de ostras (*Il.* 16. 742-50), que permitem deduzir que estas atividades, ainda que incomuns no universo aristocrático da épica, eram já conhecidas do poeta. Particularmente representativa é a assunção do mendigo, que, em *Od.* 19. 112-13, esboça a imagem de um mundo perfeito no qual “os rebanhos estão sempre a parir crias, e o mar produz muitos peixes”. Para mais detalhes, v. Atienza 2007: 43 sqq.

Atraem ainda a atenção, pela sua riqueza de matizes poéticos, múltiplas estruturas formulares, desde as cenas típicas de acolhimento e festim, no enquadramento do tema da hospitalidade (com suas variantes desviantes¹⁶), a algumas estruturas versificatórias reincidentes, que marcam a preparação¹⁷, o início e o desenrolar da refeição¹⁸, ou se propõem sublinhar o grau de participação da comensalidade¹⁹. Merece especial consideração, neste âmbito temático, a peculiar expressividade de determinados epítetos (como “a terra dadora de cereais”, ou “os homens que se alimentam de pão”)²⁰.

3. O BANQUETE COMO INSTITUIÇÃO SOCIAL

A análise dos campos lexicais permite ainda distinguir diferentes tipos de refeições, quer quanto ao enquadramento temporal no quotidiano, quer quanto à natureza do vínculo social²¹ que estabelecem entre os convivas.

Quando desce do Olimpo às planícies troianas regadas de sangue, a transmitir ao filho as disposições irrevogáveis de Zeus sobre a libertação do cadáver de Heitor²², Tétis encontra Aquiles, há muitos dias sem comer e sem descansar, entre os Mirmidões que se afadigam nos preparativos de uma breve refeição matinal (*ariston*); a ocorrência lexical, única na *Ilíada*, tem também um único paralelo na *Odisseia*, no contexto em que a inesperada chegada de Telémaco surpreende na choupana Eumeu a preparar para o humilde hóspede uma refeição

¹⁶ Como, no enquadramento da diegese da *Odisseia*, as cenas fantásticas de agressão por devoração antropofágica (do Ciclope, e dos Lotófagos e Lestrígones; e de Cila e Caríbdis).

¹⁷ Com a apresentação do jarro de água e da bacia de prata para lavar as mãos, a disposição das mesas polidas, por uma serva; a apresentação do pão e das iguarias variadas, por uma governanta; e das salvas com as carnes por um trinchador; e as taças douradas onde um escudeiro serve o vinho (6x *Od.* formularmente iguais; ou, excepcionalmente reduzidas, mais algumas, como a de *Od.* 20, 280; também na *Ilíada* ocorrem variantes formulares abreviadas, como em *Il.* 24. 621 sqq., no contexto extraordinário da refeição oferecida na tenda de Aquiles a Príamo, que vem resgatar ao assassino o cadáver vilipendiado do filho, ou, em *Il.* 24. 802, quando se encerra lutuosamente o poema com a cena do banquete fúnebre em honra de Heitor, no palácio de Príamo. Para maiores detalhes sobre as cenas e versos formulares, v. Parry 1928; Parry 1936; e Hainsworth 1968).

¹⁸ E.g.: “lançaram as mãos às iguarias prontas, que tinham sido preparadas”, οἱ δ’ ἐπ’ ὀνειάθ’ ἐτοῖμα προκείμενα χεῖρας ἴαλλον, 3x *Il.*, 11x *Od.*; “Depois, quando saciaram a vontade de bebida e de alimento”, αὐτὰρ ἐπεὶ πόσιος καὶ ἐδητύος ἔξ ἔρον ἔντο, 7x *Il.*, 14x *Od.*; “Depois de termos provado a comida e a bebida”, αὐτὰρ ἐπεὶ σίτιοι τ’ ἐπασσάμεθ’ / ἠδὲ ποτῆτος, 2x *Od.*; “depois de ter saciado fome e sede”, αὐτὰρ ἐπεὶ δειπνησε καὶ ἤραρε θυμὸν ἔδωδῆ, 2x *Od.*

¹⁹ E.g.: “dividiram as porções e participaram do glorioso festim”, μοίρας δασσάμενοι δαίνυντ’ ἐρικυδέα δαῖτα, 2x *Od.*; “comeram, e ao seu espírito não faltou a justa proporção”, δαίνυντ’, οὐδέ τι θυμὸς ἐδεύετο δαιτὸς εἴσης, 5x *Il.*, 2x *Od.*

²⁰ E.g.: *zeidoura aroura*, 3x *Il.*, 9x *Od.*; *sitophagoi*, 1x *Od.*

²¹ Sobre a sociologia do banquete, ver a detalhada exposição de Alonso Troncoso 1993.

²² *Il.* 24. 124.

ligeira ao nascer do sol, depois da saída dos restantes servos para os campos²³. As duas ocorrências do termo (de etimologia obscura, e reduzida produtividade lexical²⁴), incluídas numa fórmula repetida (*entynont' ariston*, a ocupar, no entanto, diferentes posições do verso em cada um dos poemas), e nunca mais utilizadas, parecem indiciar um momento particularmente relevante da diegese: na *Ilíada*, Aquiles aceita as disposições divinas que asseguram a consecução do destino, e, perante a mãe desolada, parece resignar-se à certeza de que chegou a hora de assumir, com a sua mortalidade, a compaixão pelos outros mortais; na *Odisseia*, também a Ulisses, que há vinte anos suspira por regressar ao seio da família, é concedido com a ajuda dos deuses (em particular de Atena), rever o filho que deixou pequeno em Ítaca, e que regressa de um périplo à procura do pai ausente; ao final dessa manhã inaugural, a cena de reconhecimento permitirá que ambos lavrem afetuosamente uma aliança irrevogável e secreta contra os inimigos.

Já as recorrentes notações de repastos ao meio do dia (*deipnon*²⁵) ou ao anoitecer (*dorpon*²⁶), muito mais frequentes na diegese da *Odisseia*, onde o herói²⁷ é coagido a procurar num périplo atormentado o acolhimento de estranhos, até conseguir regressar ao lar, não deixam de emprestar na *Ilíada* às façanhas heróicas dos que contendem pela glória, nas longínquas planícies de Tróia, o colorido trivial das pequenas pausas do quotidiano, em que os homens, “os mais frágeis de todos os seres que vivem e rastejam sobre a terra”²⁸, recobram alento mastigando as ofertas da “terra alimentadora”. Enquanto Agamémnon, rei dos reis, fustigado por inquietações e inabilidades várias, tende a preparar na sua tenda²⁹, muitas vezes a conselho de Nestor³⁰, banquetes de ordem diplomá-

²³ *Od.* 16. 2.

²⁴ V. Chantraine 1968: 109, s.v.

²⁵ Pode ser o almoço ou uma refeição sem especificação horária; usada nas variantes nominal *deipnon* (cfr. *Il.* 2. 381, 383, 399; 8. 53; 10. 578; 11. 86; 18. 560; 19. 171, 275, 316, 346; 23. 158; *Od.* 1. 124, 134; 4. 61, 624; 6. 97; 9. 86, 311; 10. 57, 116, 155; 15. 94, 316, 500; 17. 176, 214; 19. 321, 419; 20. 175, 390; 24. 215, 360, 386, 394, 412) ou através do derivado verbal *deipnizo* (cfr. *Il.* 19. 304; *Od.* 4. 535, 685; 5. 95; 9. 155, 312; 11. 411; 14. 111; 15. 79, 397; 17. 170, 359, 506; 20.119).

²⁶ Com a variante nominal: *Il.* 7. 370, 380, 466; 8. 503; 9. 66, 88; 11. 729; 18. 245, 298, 314; 19. 208; 23. 55; 24. 2, 444, 601; *Od.* 2. 20; 4. 213, 429, 574, 786; 6. 347; 7. 13, 166; 8. 395; 9. 291, 344; 12. 283, 292, 307, 439; 13. 31, 34, 280; 14. 408; 16. 453; 19. 208, 402; 20. 392; 21. 428; com o derivado verbal *dorpeo*: *Il.* 23. 11; *Od.* 7. 215; 8. 538; 15. 302; recorrendo ao adjetivo *potidorpios*: *Od.* 9. 234, 249.

²⁷ E especularmente o filho, nos palácios de Nestor, *Od.* 3, e de Menelau, *Od.* 4.

²⁸ *Il.* 17. 446-47.

²⁹ Cfr. *Il.* 2. 430 sqq.; 4. 343 sqq.; 7. 313; 9. 890 sqq.

³⁰ Cfr. *Il.* 9. 70 sqq. (Nestor aconselha a que se faça uma pausa para que as tropas possam cear, e Agamémnon promova um banquete consultivo, *Il.* 9. 90 sqq.; Agamémnon assim faz) e *Il.* 10. 217 sqq. (Nestor promete a quem se arriscar à emboscada no acampamento inimigo o privilégio, entre outras prendas a oferecer pelos chefes, do direito a frequentar, pelo mérito e pelo renome, os banquetes e festins públicos; este passo, em particular, parece ocorrer como primeiro

tica³¹, que simultaneamente propiciam, pela abundância da oferta, o arbítrio caprichoso dos deuses (os primeiros convivas rituais), e a capacidade estratégica dos melhores dos Aqueus³² – nos acampamentos, de ambos os lados da barricada, os guerreiros exaustos preparam, individualmente ou em grupo³³, o repasto que lhes permite ir mantendo a força e os ânimos para enfrentar diante do inimigo a vida ou a morte.

Podem presidir à formulação do banquete muito diferentes princípios: o da hospitalidade ao estrangeiro ou ao pobre³⁴, o da celebração familiar³⁵, o da recompensa³⁶, o da reconciliação³⁷, ou até o da homenagem póstuma aos mortos³⁸.

sinal poético da instituição do clientelismo, tão relevante na cultura antiga, particularmente a romana).

³¹ Em equivalente contexto ocorre a preparação e recepção da embaixada a Aquiles, a quem Pátroclo providencia os requintes de um festim (*Il.* 9. 225 sqq.).

³² Em *Il.* 2. 430 sqq., citam-se explicitamente Nestor e Idomeneu, os dois Ajaces e Diomedes, Ulisses e Menelau; em *Il.* 4. 343 sqq., Agamémnon censura a inércia de Menesteu e Ulisses, a quem o rei dá por regra o privilégio da presença no banquete consultivo.

³³ A par do banquete consultivo na tenda de Agamémnon, em *Il.* 7. 319 sqq., descreve-se, em 7. 466 sqq., como os Aqueus nas suas tendas preparam as refeições, e bebem vinho de Lemnos disponibilizado por Euneu; na cidade, os Troianos também se banqueteam à espera do sono e do novo dia; em *Il.* 8. 496 sqq., convocada a assembleia troiana, e estimulado pelos sucessos contra os Aqueus, a que só o cair da noite pôs fim, Heitor convida as tropas a aproveitarem a pausa forçada para um banquete partilhado; traga cada um de suas casas reses, vinho e pão, e muita lenha, para se banquetear e vigiarem os movimentos do acampamento inimigo; em *Il.* 19. 155 sqq., contrariando o prolongado fastio do herói, que se recusa a ingerir alimento, após a morte de Pátroclo, Ulisses aconselha Aquiles a mandar providenciar uma refeição que ajude a restaurar o ânimo dos soldados, que não conseguem resistir, por mais vontade que tenham, se estiverem fragilizados pela fome ou pela sede; em *Il.* 23. 48 sqq., Aquiles recusa entregar-se ao conforto do banho antes de sepultar Pátroclo, mas aceita entregar-se ao banquete odioso; cada um dos Mirmidões prepara a sua refeição individual, e vai descansar.

³⁴ Notar o banquete no contexto da hospitalidade sagrada, que traduz claros indícios de estatuto social do hospedeiro e do hóspede, na abundância e qualidade do alimento; ver a distinção essencial entre a hospitalidade oferecida a Telémaco por Nestor, em Pilos, dentro do enquadramento da sobriedade ritual (*Od.* 3); e em Esparta, por Menelau (*Od.* 4), na moldura de um fausto culpado; a este propósito, é também relevante a recusa de Ulisses de tomar parte no banquete de Circe antes de os companheiros retomarem a forma humana, e recobrem a sua dignidade reabilitada, em *Od.* 10. 383 sqq.

³⁵ Ver o contexto do banquete celebrativo, pelo casamento dos filhos de Menelau, em *Od.* 4. 3 sqq., ou pelo nascimento de Ulisses e sua vinculação ao avô Autólico, em *Od.* 19. 393 sqq.

³⁶ Em *Il.* 7. 313 sqq., depois do duelo de Ajax e Heitor, Agamémnon homenageia o seu bravo guerreiro, sacrificando um boi de cinco anos e preparando-lhe a ele e aos melhores um banquete; referências a esse tipo de refeições, onde os *basileis* recompensam com subvenções alimentares os serviços dos seus bravos, recorrem e.g. em *Il.* 8. 161-62; 10. 217; 12. 310-14; 17. 248-50; 20. 83-85.

³⁷ Em *Il.* 9, uma embaixada proposta pelos anciãos dos Aqueus tenta debalde atenuar o ressentimento de Aquiles; em *Il.* 19. 179, Ulisses aconselha Aquiles a deixar-se apaziguar por um festim de reconciliação que Agamémnon lhe ofereça.

³⁸ A *Ilíada* oferece, sobretudo a partir da narrativa das mortes trágicas de Pátroclo (*Il.* 17) e de Heitor (*Il.* 23), em combate, o pretexto poético para trazer à memória dos homens de todos

O tratamento de privilégio de uns quantos convidados, traduzindo prioritariamente indícios de uma óbvia hierarquia social, parece configurar também já um prelúdio das relações de clientelismo das sociedades antigas.

Embora não pertença à moldura das atividades propriamente heróicas, a agricultura (a par da pecuária) recorre nos Poemas Homéricos como reflexo objetivo do quotidiano da época arcaica, nuclearmente marcado pelos ritmos e exigências da vida agrícola (e pastoril). À volta dos amplos campos lexicais que se abrem, é possível reconhecer vários tipos fundamentais de alimentos³⁹ e sua utilização⁴⁰, e traçar um retrato aproximado da economia grega antiga.

Refletindo, por um esquema narrativo regular de reprodução das ocupações humanas⁴¹ na esfera olímpica, também os deuses colhem satisfação no requinte do banquete, não só aceitando com gratidão os sacrifícios prodigalizados pelos temerosos mortais⁴², mas debicando ainda com gula na morada etérea néctar e ambrosia⁴³, às vezes acompanhados, como os mais felizes dos mortais, pelas

os tempos o ritual de homenagem aos mortos. Em *Il.* 23. 810, Aquiles sugere, para além de prémios aos vencedores dos jogos fúnebres, um banquete de homenagem a Pátroclo; em *Il.* 24, o ritual é prestado a Heitor, por intercessão direta do arbítrio dos deuses, que assim o exigem; os últimos versos da *Iliada* (*Il.* 24. 802-04) encerram nostalgicamente com o anúncio do banquete fúnebre por Heitor, promovido por Príamo.

³⁹ No âmbito da agricultura detalha-se um vasto elenco de alimentos vegetais (e.g.: cereais, sobretudo trigo, *pyros*, e cevada, *krithe*, usados essencialmente nas libações rituais, e na produção do pão, *oulai*, *Od.* 3. 441, e *oulochytoi*, em *Il.* 1. 449, 458; 2. 410 e 421; *Od.* 3. 445 e 447; 4. 761); legumes, *prasiai*, *Il.* 7, 127; 24, 247 (nomeadamente a cebola em *Il.* 11. 630 sqq.); frutos, *karpoi* (*onchnai*, peras; *rhoiai*, romãs; *meleai*, maçãs; *sykai*, figos).

⁴⁰ E.g., das oliveiras, *elaiai*, se retira o *elaion*, azeite (que parece não se usar nos Poemas Homéricos para cozinhar); a videira, *ampelos* (cultivada em Ítaca e Esquéria, e silvestre entre os Ciclopes e Calipso) oferece as uvas, que se consomem frescas ou em passa, e servem para produzir os vinhos (*Od.* 7. 112 sqq.). Sobre o uso do vinho, e a polémica do simpósio, v. Soler 2010.

⁴¹ Multiplicam-se os paralelismos não só nas cenas domésticas de conversa familiar intergeracional (*Od.* 1. 29 sqq.), debate em assembleia (*Od.* 5. 3 sqq.), vestir e calçar (*Od.* 1. 95; 5. 43; 11. 604), banhar (*Od.* 5. 229; 7. 259-60; 9. 360 e 450), dormir e partilhar cama (*Od.* 5. 1 e 119; 10. 295 e 334), estabelecer laços afetivos e seus desvios (*Od.* 8. 267 sqq.), dividir refeições e receber ou despedir hóspedes (*Od.* 5. 76 sqq., 165, 229; 8. 260), viajar (*Od.* 1. 21 sqq., 5. 27, etc.), anunciar e profetizar (*Od.* 4. 475; 8. 270), providenciar a si mesmo cuidados e vaidades corporais (*Od.* 8. 364-66), aplicar-se em ofícios profissionais (Hermes, como mediador e legado dos deuses, em *Od.* 1. 84 e 5. 27 sqq., e como psicopompo, pastor de almas, em *Od.* 24. 1 sqq.; Hefesto como ferreiro, em *Od.* 7. 91-93, e 100-02; 8. 272 sqq. e 24. 73 sqq.; como caçadores os frecheiros Apolo e Ártemis, ao passo que as presas são os homens que eles matam com suas brandas setas, etc.), e nas atividades militares, como o apetrechar-se de armas ou lutar. Os Concílios dos Deuses da *Iliada* e da *Odisseia* são também versões especulares das assembleias humanas: aqui a autoridade superior de Zeus é assessorada e obedecida pelos próximos, e favorecida pela solicitude servil de Hefesto; também em *Il.* 18 a visita de Tétis a Hefesto assume o carácter de uma visita de hospitalidade movida pela necessidade.

⁴² E.g.: *Il.* 1. 424, 467 sqq.; 4. 48; e 24. 69.

⁴³ E.g.: *Il.* 1. 598; 4. 3; 15. 85 sqq.; 19. 38; *Od.* 5. 93.

delícias do canto a que Apolo se presta⁴⁴. De igual modo, na *Odisseia*⁴⁵, Atena desce do Olimpo, onde, na assembleia e no banquete, perante os pares divinos e a autoridade superior do pai Zeus, negociou a mudança de trajetória da itinerância do seu dileto, e metamorfoseada em viandante, toma também assento no palácio de Ítaca, disposta a gravar na consciência do inseguro Telêmaco, pela palavra e pelo exemplo contrastante, a certeza de que o festim imposto pela insolência desmedida dos pretendentes passa todas as medidas do aceitável.

E porque a comensalidade partilhada traça na memória dos que a vivem uma recordação grata⁴⁶ e a consciência de um privilégio aristocrático⁴⁷ indispensável, o banquete requintado, ou as simples pausas de refrigério, tão breves e apetecidas, não as esquecem como pretexto artístico nem o poeta nem sequer os deuses: na representação do mundo que Hefesto maravilhosamente concebe para compensar a enlutada Tétis da morte próxima do filho nascido do seu seio divino, estão cinzelados com excepcional perícia⁴⁸, na camada superior do escudo, toda recamada de ouro, prata e bronze, não longe de um rei, que testemunha ditoso a abundância da ceifa nos seus domínios, os arautos, que se afadigam debaixo de um carvalho a aprimorar a refeição, com o boi que desmancharam num sacrifício, e as mulheres, que polvilham de branca cevada o jantar humilde dos jornaleiros⁴⁹.

4. O BANQUETE SIMBÓLICO

A assombrosa recorrência com que se registam em ambos os poemas⁵⁰ os termos aparentados *dais*, *daita*, *daite*, *daitys*, referindo (de forma genérica, sem qualquer conotação temporal) as várias tipologias de banquetes que transcendem, pelo requinte e solenidade, o enquadramento das refeições de subsistência quotidiana, e os verbos a que estão como denominativos associados, *dainymai* ('racionar, distribuir, partilhar') e *daitreuo* ('dividir'), além de outras formações

⁴⁴ E.g.: *Il.* 1. 575, 579, 601-02.

⁴⁵ *Od.* 1. 124 sqq.

⁴⁶ Por exemplo, em *Il.* 9. 487, Fénix recorre à memória das refeições em que, na infância, o bravo herói se acolhia ao seu terno colo para comer; também na *Od.* 16. 442 sqq. o pretendente Eurímaco evoca a Penélope, para a convencer dos seus bons propósitos, a memória do carinho que Ulisses lhe dispensou no passado, oferecendo-lhe no banquete o colo.

⁴⁷ Em *Il.* 22. 496, Andrômaca manifesta em desespero o temor da discriminação a que será sujeito o filho órfão, provavelmente expulso dos banquetes (*daitys*) por outras crianças que sejam acarinhadas por pais vivos.

⁴⁸ *Il.* 18. 482 sqq.

⁴⁹ *Il.* 18. 558 sqq.

⁵⁰ Na *Iliada* 31x, 104x na *Odisseia* (em todas as variantes casuais, excetuando o vocativo, várias vezes em todos os cantos, menos no 5 e 6, onde Ulisses está isolado, e não pode, por isso, partilhar mesa com outros homens ou sacrificar aos deuses).

derivadas⁵¹, comprovam a relevância diegética da ação épica de partilhar o alimento em clima festivo.

A insegurança de Telémaco, que se esforça a acolher, a recato dos impróprios da turba arrogante dos pretendentes, num espaço de maior serenidade, dentro do *megaron* do seu próprio palácio, o hóspede recém-chegado, e a consequente perplexidade de Atena metamorfoseada, incapaz de reconhecer na entropia do cenário as mais usuais alternativas de ajuntamento ou banquete, oferecem na *Odisseia*⁵² o pretexto para se abordarem catalogicamente as variantes comunitárias⁵³ do simples festim (*eilapine*⁵⁴), do banquete de bodas (*gamos*⁵⁵), ou da reunião de partilha equânime (*eranos*⁵⁶).

Enquanto no contexto narrativo da *Odisseia* as circunstâncias anómalas que se vivem em Ítaca⁵⁷ favorecem uma conjuntura de anarquia e alguma violência, adversa, por isso, à instituição saudável dos rituais de socialização civilizada, as itinerâncias do herói e do filho permitem ao auditório frequentar um leque muito vasto de práticas sociais e comunitárias, centradas no referente simbólico da mesa e da comensalidade. Este conjunto diversificado acha representação, ora no requintado ideal da sociedade feace, em Esquéria, e nos palácios aristocráticos de Nestor e Menelau, ora em múltiplos referentes de uma escala matizada de estranhamentos graduais, que podem traduzir-se em figuras coletivas de povos (como os amistosos Lotófagos e os Ventos, os violentos Lestrígones e as Sereias), ou hospedeiros individuais (como a apaixonada Calipso, a sedutora Circe, as violentas Circe e Caríbdis, Polifemo, etc.). As redes de relações que se instauram complexamente entre os episódios, muitas vezes recorrendo em estruturas dúpli-

⁵¹ Como *daitros*, o trinchante (1x *Il.*, 3x *Od.*), *daitymones*, os convidados (9x *Od.*).

⁵² *Od.* 1. 225: τίς δαίς, τίς δὲ ὄμιλος ὃδ' ἔπλετο;

⁵³ As mesmas três variantes serão repetidas, na mansão do Hades, através do testemunho magoado de Agamémnon a Ulisses sobre as circunstâncias funestas da sua morte, em *Od.* 11. 415.

⁵⁴ Em *Il.* 10. 217; 18. 491 e 23. 201; *eilapinazo*, em *Il.* 14. 241; e *eilapinastes*, em *Il.* 17. 577; apenas em *Od.* 1. 226 e 11. 415, a acompanhar referências do deverbativo *eilapinazo* (em *Od.* 2. 57; 17. 410 e 19. 536).

⁵⁵ Como o que Menelau promove em Esparta por ocasião da visita de Telémaco, a pretexto das uniões matrimoniais dos dois filhos; o tema, percuciente na *Odisseia* (o substantivo recorre 29x, acompanhado do deverbativo 4x), está no horizonte de expectativas de todas as pessoas de Ítaca, ora a família de Ulisses, que o receia e evita, ora os pretendentes, que a todas as violências recorrem para o impor como mecanismo de sucessão no poder; as ocorrências na *Iliada* são muito mais modestas (4x o nome, 2x o deverbativo).

⁵⁶ No *eranos* (apenas 2x na *Odisseia*, 1. 226 e 11. 415), o conviva traz a sua parte, como a cena que se referencia em *Od.* 4. 624, quando os convidados chegam à casa de Menelau trazendo bens de consumo (gado, pães e vinho), e se ocupam com a preparação do repasto, ou a que Alcínoo parece sugerir em *Od.* 9; da regularidade e correção social deste mecanismo se distanciam criminosamente na *Odisseia* os pretendentes.

⁵⁷ Na pressuposição de que o rei morreu, oportuna para os ambiciosos pretendentes (que desejam ocupar o seu excecional estatuto social), e abominável para a família (que se recusa aceitá-la).

ces (ou mesma quádruplas) de reconhecida intencionalidade simbólica⁵⁸, permitem ir apreciando, sob ângulos de expressividade renovados, variantes múltiplas de cenas típicas de hospitalidade, onde se ajustam esquemas sociais divergentes ou convergentes de comensalidade, ou civilizada ou associal e selvagem.

Neste apartado distinguem-se, pois, como dois níveis diametralmente opostos, por um lado as refeições civilizadas, que implicam a ingestão de alimentos transformados, carnes cozinhadas (sempre assadas), cereais misturados e cozinhados, e vinhos misturados com água, e por outro refeições incivilizadas (de bárbaros ou monstros, que devoram carnes cruas, como os Lestrígonos, o Ciclope, ou Équeto⁵⁹), bebem leites ou derivados, e se deixam contaminar pelo efeito nocivo dos vinhos puros (como o Ciclope)⁶⁰. A comensalidade brutal dos pretendentes, recorrentemente conotada com a selvajaria animal, vê intensificada a sua expressividade por outros mecanismos simbólicos: na verdade, não deixa de ferir a sensibilidade profética do adivinho Teoclímeno, que anuncia presságios fúnebres à irrisão depreciativa dos arrogantes pretendentes⁶¹, e de ser intuída oniricamente por Penélope, que transmuta, num sonho, as circunstâncias reais, pelo ataque predatório de uma águia, descendo dos céus a massacrar os gansos que se passeiam no átrio do palácio⁶².

A avaliar pela sua presença em espaços de excepcional expressividade simbólica nos dois poemas, as alusões vegetais e animais, no enquadramento da temática alimentar, evocando referentes históricos e sociais, assumem ainda o estatuto de indícios poéticos de eleição: enquanto na *Iliada* destacam a representação artística do escudo de Aquiles⁶³, e a notabilíssima profusão de símiles ostentando figuras de animais e vegetais, na *Odisseia* deslumbram as incomparáveis descrições da fantástica ilha de Calipso⁶⁴, do ubérrimo pomar mágico de Alcínoo⁶⁵, ou da cartografia afetiva do pomar de Laertes⁶⁶, que o pai transmitiu ao filho como memória indelével de um inequívoco legado de amor; também

⁵⁸ Vejam-se os pares Nestor/Menelau; Circe/Calipso; Lestrígonos/Ciclopes; e Lotófagos/Feaces; Sereias/Cila e Caríbdis, Hélio e Ventos.

⁵⁹ Em *Od.* 18. Notar a ameaça implícita no devorar do dono pelos animais que criou, implícito no testemunho de Príamo (*Il.* 24), e de Eumeu pelos porcos (*Od.* 21. 363 sqq.).

⁶⁰ Cenas de excessos ou bebedeiras, para além da de Polifemo, muito cuidadosamente detalhada, em *Od.* 9. 169, 204 sqq., são a de Elpenor, *Od.* 11, e na *Iliada* a de Mácaon, *Il.* 11. 630.

⁶¹ *Od.* 20. 350-70.

⁶² *Od.* 19. 536-53.

⁶³ *Il.* 18.

⁶⁴ *Od.* 5.

⁶⁵ *Od.* 7. 111 sqq. A cartografia fantástica da ilha (*Od.* 6. 263 sqq.), abençoada pela proximidade feliz do mar, e gozando de uma fabulosa abundância (uma vez que nos frondosos jardins de Esquéria a natureza tudo produz sem esforço, *Od.* 7. 112-32), permite aos ditosos Feaces, aparentados com os deuses, gozar de uma vida de ininterrupta bem-aventurança, sem os duros cuidados do trabalho, dedicados apenas aos prazeres.

⁶⁶ *Od.* 24.

a geografia sombria do Hades⁶⁷, – onde a natureza perecível dos homens não tem senão representação incorpórea – comporta a exuberância de um pomar, igualmente repleto de pereiras, romãzeiras e macieiras, que dá à arrogância dos homens (representados por Tântalo) castigo na sofrida ânsia por alimento.

Pela sua nuclear fixação no tema do tardio regresso de Ulisses às origens, o segundo poema tende a sublinhar noutros episódios narrativos a profunda força simbólica das raízes, como sucede no dramático episódio do reconhecimento dos esposos. A cama do rei ausente recorre como o espaço de intimidade sofrida, onde Penélope esgota, dentro dos limites da sua incomparável fidelidade, a consciência desesperada de uma solidão que parece estar votada a não ter fim; em simultâneo, ela surge no libidinoso imaginário dos violentos pretendentes como o espaço vazio que deve ser usurpado à força. A relevância simbólica da cama, que atravessa todas as camadas de significação da *Odisseia*, amplia-se, no entanto, no momento crucial do reconhecimento dos esposos. Depois da violenta cena da chacina⁶⁸, a leal Euricleia desperta Penélope do leito, onde se esgota a chorar, com a insólita notícia de que os deuses propiciaram o desfecho de muitas dores, trazendo para casa Ulisses, e castigando às suas mãos a prepotência criminosa dos pretendentes. Mas a legitimação dessa notícia dar-se-á apenas por meio do sinal definitivo da cama. Penélope recusar-se-á a ceder a uma alegria imprudente, até receber de Ulisses, a quem ela põe à prova, a confirmação da identidade. Reagindo sem o saber a uma provocação intencional da esposa, o herói denuncia com a sua irada surpresa a partilha de um segredo que apenas os esposos partilhavam⁶⁹: o leito conjugal não poderia jamais ser removido do espaço do tálamo nupcial, porque tinha sido construído⁷⁰ pelas mãos habilidosas de Ulisses, no início do seu casamento, desbastando ainda solidamente enraizada uma oliveira, onde se esculpiu a base da cama. A digressão poética sobre a história da construção do leito empresta fundamento à notação simbólica de que a cama, inamovível e enraizada na solidez da terra, a partir da qual se criou depois toda a restante estrutura habitável do palácio, é a metáfora objetivada da lealdade viva, inamovível e inabalável, onde repousa o mais autêntico vínculo conjugal.

CONCLUSÕES

O convívio com a tradição homérica tende a instaurar nos leitores a impressão de que o universo heróico da épica arcaica privilegiaria como cenários de peculiar expressividade as guerras e os festins. Atribuindo distintos pesos a

⁶⁷ *Od.* 11.

⁶⁸ *Od.* 20-22.

⁶⁹ *Od.* 23. 109-10.

⁷⁰ *Od.* 23. 183 sqq.

cada uma destas esferas simbólicas complementares, dado o seu peculiar contexto narrativo, ambos os poemas enquadram pendularmente nelas a motivação fundamental dos seus heróis. Enquanto a *Ilíada* detalha como, no atormentado cenário de Tróia, joguetes dos caprichos da fortuna, e sobrevivendo com esforço às investidas dos inimigos, os heróis buscam ainda sobre “a terra alimentadora” alento na partilha de mantimentos, na *Odisseia*, regressado enfim à pacífica cartografia da soalheira Ítaca, Ulisses rematará o severo rol das suas tribulações, encerrando brutalmente com uma carnificina, dentro do seu próprio palácio, o criminoso festim com que os pretendentes de Penélope se propunham não só varrer da memória dos homens a sua reputação heróica, mas também apagar sobre a vasta terra a sua linhagem.

Em ambos os poemas tendem a apresentar-se como mais notáveis os banquetes régios; na *Ilíada*, promovidos no acampamento grego por Agamémnon, o rei dos reis, ou concedidos pela autoridade que se quer propiciar de Aquiles, recorrem como cenários dos grandes momentos da diplomacia guerreira, onde assumem relevância o ancião Nestor e Ulisses, a prudente experiência discursiva e a astúcia estratégica. O enquadramento faustoso do palácio de Príamo, tão extraordinariamente rico (o que fica aliás indiciado pela sua excecional descendência), não revela, no seu contexto de aflições e culpas, nenhuma cena de banquete; as refeições de Heitor e dos aliados decorrem sempre na humildade do acampamento; a visita ao interior do palácio deduz-se apenas ou pela leviandade de Alexandre, que se retira cobardemente do campo de batalha e vai procurar o aconchego erótico de Helena, ou pela piedade de Heitor, que vai pedir orações à mãe, responsabilidades ao irmão, e paciência à esposa.

Já na *Odisseia* as palavras de Ulisses⁷¹, a responder ao questionário de hospitalidade de Alcínoo⁷², sublinham como superior encanto humano o prazer oferecido ao povo que se agrega, a ouvir o canto poético, enquanto se banqueteia alegremente diante de mesas repletas de iguarias; a formulação identifica com o banquete requintado e tranquilo a ordem visível, segura e pacífica, da vida comunitária, representada no contexto imediato pela sociedade ideal – e mágica – dos Feaces que o acolhem. Este testemunho, especularmente revertido no cenário tumultuado de Ítaca, onde a arrogância dos pretendentes destrói hiperbolicamente o património, e ameaça criminosamente não só os hospedeiros (Telémaco e Penélope, e a comunidade dos seus servos, nomeadamente o porqueiro, o boieiro e as servas violentadas), mas também o aedo, emissário dos deuses, o arauto, e os hóspedes (e.g. Teoclímeno), em particular os mendigos a quem Zeus protege com carinhoso afeto, instaura como núcleo simbólico o banquete. Mal

⁷¹ *Od.* 9. 1-11. De onde se retirou no *Certamen Homeri et Hesiodi* a primeira argumentação de Homero face a Hesíodo (*Cert.* 84-93); vd. supra, n. 3 e 4.

⁷² *Od.* 8. 572-86.

desce do Olimpo, metamorfoseada, e movida a implementar na terra o justo auxílio ao herói perdido, Atena tem ocasião de manifestar ao inseguro Telémaco a perplexidade de não ser capaz de reconhecer⁷³ na entropia do cenário as mais usuais alternativas de ajuntamento ou banquete, o simples festim, o banquete de bodas, ou a reunião de partilha equânime. As mesmas três variantes serão repetidas, na mansão do Hades, através do testemunho magoado de Agamémnon, que descreve a Ulisses as circunstâncias funestas da sua própria morte⁷⁴. A enunciação pungente da cena em que Agamémnon foi morto à traição pela esposa e pelo amante, como um porco de brancos dentes, que os homens matam sem piedade, por ocasião de festas nupciais, banquetes ou alegres festins, deveria evocar na memória atenta do auditório a projeção de uma analogia reincidente entre os destinos dos dois heróis, e dos seus núcleos familiares especularmente contrastados ao longo de todo o poema. Só a justiça divina permitirá a Ulisses receber a recompensa dos sacrifícios rituais nunca negados aos deuses, e impor aos ímpios o final de um banquete de criminoso escândalo.

⁷³ *Od.* 1. 225.

⁷⁴ *Od.* 11. 415.

BIBLIOGRAFIA

- Alonso Troncoso, Victor (1993), "Para una sociología del banquete en los poemas homéricos", in Mangas Manjarrés, Julio, e Alvar, Jaime (eds.), *Homenaje a José María Blázquez*, vol. 1, Ediciones Clásicas, Madrid, 35-58.
- Atienza, Alicia Maria (2007), "Comedores de pan y bebedores de vino: la cuestión alimentaria en la Odisea", *Circe* 11: 41-56.
- Chantraine, Pierre (1968), *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots*, Éditions Klincksieck, Paris.
- Dunbar, Henry (1962, 2ª ed.), *A Complete Concordance to the Odyssey of Homer*, Clarendon Press, Oxford.
- García Soler, Maria José (2001), *El arte de comer en la antigua Grecia*, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid.
- García Soler, Maria José (2010), "El vino de los héroes homéricos", *Espacio, Tiempo y Forma, Serie I, Nueva Época. Prehistoria y Arqueología* 3: 107-14.
- Hainsworth, John Bryan (1962), "The Homeric Formula and the Problem of its Transmission", in Latacz, Joachim (ed.), *Homer. Tradition und Neuerung*, Wissenschaftliche Buchgesellschaft, Darmstadt, 368-86.
- Hainsworth, John Bryan (1968), *The Flexibility of the homeric formula*, Clarendon Press, Oxford.
- Heubeck, Alfred e West, Stephanie (eds.) (1981-1996), *Odissea. Classici Greci e Latini*, Fondazione Lorenzo Valla, Arnoldo Mondadori Editore, Milano.
- Kirk, Geoffrey Stephen (ed.) (1985-1993), *The Iliad: A Commentary*, Cambridge University Press, Cambridge.
- Parry, Milman (1928), *L'Épithète Traditionnelle dans Homère. Essai sur un problème de Style Homérique*, Les Belles Lettres, Paris.
- Parry, Milman (1936), "On Typical Scenes in Homer", in Parry, Adam (ed.) (1971), *The Making of Homeric Verse. The Collected Papers of Milman Parry*, Oxford University Press, Oxford, 404-407.
- Prendergast, Guy Lushington (1983, 3ª ed.) *A Complete Concordance to the Iliad of Homer*, Longmans, Green and Co., London.
- White, Evelyn H. G. (ed.) (1914), *Hesiod, The Homeric Hymns, and Homerica*, Cambridge University Press, Cambridge.